



Arte Rupestre

em Mato Grosso do Sul



Arte Rupestre

em Mato Grosso do Sul





Diretor-Presidente: Eurides Luiz Mescolotto
Diretor de Engenharia e Operação: Ronaldo dos Santos Custódio
Diretor Financeiro: Antonio Waldir Vittori
Diretor Administrativo: Paulo Afonso Evangelista Vieira



Presidenta da República: Dilma Rousseff
Ministra da Cultura: Marta Suplicy
Presidenta do Iphan: Jurema de Sousa Machado
Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial: Célia Maria Corsino
Diretor do Departamento de Articulação e Fomento: Luiz Philippe Peres Torelly
Diretor do Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização: Andrey Rosenthal Schlee
Diretor do Departamento de Planejamento e Administração: Marcos José Silva Rêgo
Diretor do PAC Cidades Históricas: Robson Antônio de Almeida
Superintendente do Iphan em Mato Grosso do Sul: Norma Daris Ribeiro



Reitor: Damião Duque de Farias
Vice-reitora: Marlene Estevão Marchetti
Pró-reitor de Ensino de Pós-graduação e Pesquisa: Cláudio Alves Vasconcelos
Pró-reitor de Administração: Sidnei Azevedo de Souza
Pró-reitora de Ensino de Graduação: Giselle Cristina Martins Real
Pró-reitora de Extensão e Cultura: Célia Regina Delácio Fernandes
Pró-reitor de Assuntos Comunitários e Estudantis: Hermes Moreira Junior
Pró-reitor de Gestão de Pessoas: Amilton Luiz Novaes
Pró-reitor de Avaliação Institucional e Planejamento: Edvaldo Cesar Moretti
Diretor da Faculdade de Ciências Humanas: João Carlos de Souza
Coordenador Editorial: Paulo Custódio de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

A786

Arte rupestre em Mato Grosso do Sul. / Organizador: Rodrigo Luiz Simas de Aguiar –
Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.
60p.

ISBN: 978-85-8147-091-7
Possui referências

1. Arqueologia. 2. Sítios arqueológicos – Mato Grosso do Sul. 3. Arte rupestre. I.
Rodrigo Luiz Simas de Aguiar. II. Título.

CDD – 913.09817

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.
© Todos os direitos reservados. Conforme Lei nº 9.610 de 1998

Tiragem: 10.000 exemplares

Texto, Fotos e Arte: Rodrigo Simas Aguiar

Equipe Técnica:

Rodrigo Simas Aguiar, Luciana Ribeiro, Divaldo Sampaio, Angelo Nascimento, Keny Marques Lima, Diego Souto Maior Colino, João Henrique dos Santos, Sara Selzler Fávero, Maira Regiane Fernandes Capelaxio, Rozanna Marques Muzzi, Cristiano Marcio Alves de Souza, Alessandra Leite Oliveira, Heverton Schneider, Willian Ayala Correa, Ademir Henrique de Freitas.

Sumário



07

Apresentação

09

A Arqueologia

13

Os sítios de
arte rupestre

39

A pesquisa

49

Lista dos
sítios

57

Bibliografia

Morro das Duas Torres, em Alcinópolis.



Apresentação

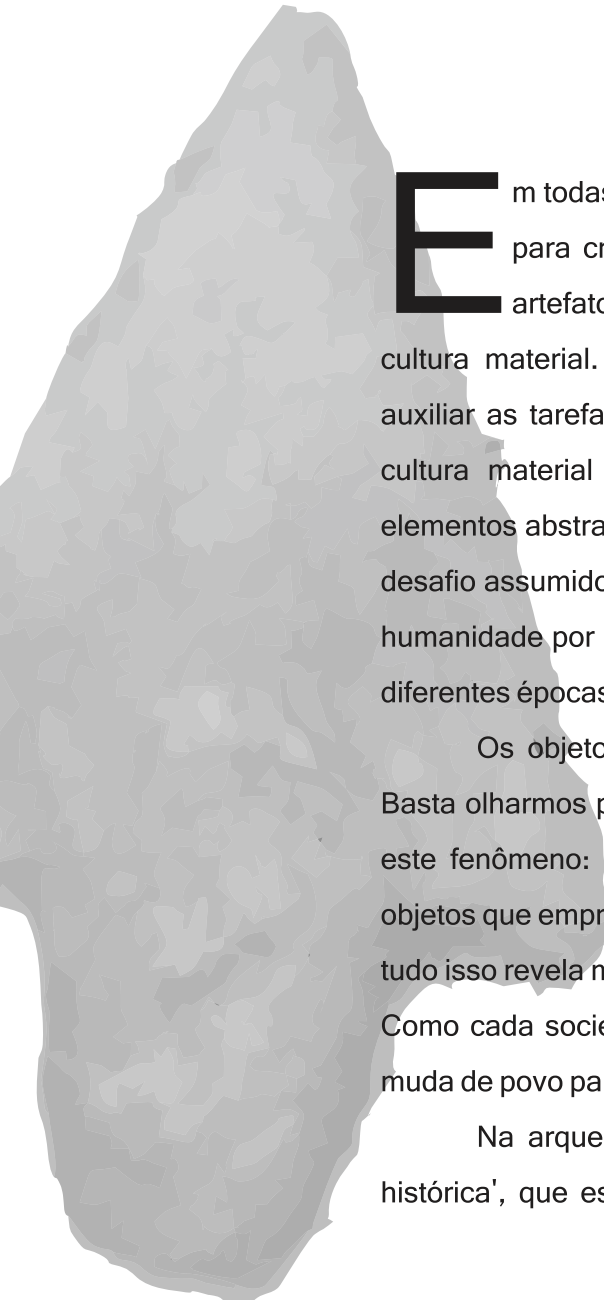
Este livro apresenta uma síntese didática dos resultados do projeto de pesquisa intitulado “Inventário, Avaliação, Proposição de Medidas de Conservação, Preservação, Divulgação e Gestão do Patrimônio Arqueológico de Arte Rupestre do Estado de Mato Grosso do Sul”, desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Grande Dourados. Trata-se de um projeto ambicioso, único do seu gênero nesta região e que só foi possível graças ao desembolso financeiro da Eletrosul Centrais Elétricas e ao apoio do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para que um projeto desta natureza atinja pleno êxito é preciso a ajuda de muitas pessoas. Além da equipe técnica, contou-se com a colaboração dos arqueólogos Pedro Ignácio Schmitz, Jairo Rogge, Gilson Rodolfo Martins, Emilia Kashimoto e José Luis Peixoto, que compartilharam conhecimentos de grande valor para a atualização de informações acerca de determinados sítios arqueológicos. Também foi fundamental a participação de prefeituras dos municípios onde ocorre a arte rupestre, com disponibilidade em nos receber e auxiliar no levantamento de informações, como Alcinópolis, Rio Verde, Rio Negro, Costa Rica e Pedro Gomes. Igualmente encontramos auxílio em outros setores da sociedade, como o Instituto Quinta do Sol e o Projeto Queixada da WCS - ambos em Corguinho; os indígenas da Aldeia Limão Verde; os dirigentes do campus da UEMS de Aquidauana; Beto e sua estância turística 'Fazenda Igrejinha'; Carlos Alberto; Roseli em Antônio João; bem como vários outros fazendeiros e sitiantes que gentilmente nos permitiram acesso aos sítios. O êxito deste projeto comprova que quando a sociedade em geral se dispõe a trabalhar em conjunto, superando suas diferenças ideológicas em prol de uma causa em comum, é possível atingir feitos realmente incríveis.

A todos, muito obrigado.



A Arqueologia



Em todas as sociedades do mundo as pessoas canalizam esforços para criar uma grande quantidade de objetos, como utensílios, artefatos ou adereços, ao que chamamos genericamente de cultura material. Esta parte tão importante da cultura serve tanto para auxiliar as tarefas diárias como para embelezar pessoas e ambientes. A cultura material também é usada para criar uma versão material de elementos abstratos, a exemplo de aspectos do mundo religioso. O grande desafio assumido pela arqueologia é de, justamente, estudar o passado da humanidade por meio da cultura material produzida por distintos povos em diferentes épocas.

Os objetos dizem muito acerca das pessoas que os produziram. Basta olharmos para a nossa própria sociedade para entendermos melhor este fenômeno: as roupas que usamos, os adereços que portamos, os objetos que empregamos em nossas casas para executar as tarefas diárias, tudo isso revela muita coisa sobre quem somos e a que grupo pertencemos. Como cada sociedade tem seu modo particular de ser, a cultura material muda de povo para povo.

Na arqueologia existe um campo chamado de 'Arqueologia Pré-histórica', que estuda povos do passado distante que habitaram a Terra

antes da descoberta da escrita. Estes povos deixaram rastros de sua passagem em locais que chamamos de 'sítios arqueológicos'. No Estado de Mato Grosso do Sul, área onde se desenvolveu este estudo, os vestígios arqueológicos são normalmente compostos de instrumentos de pedra, fragmentos de vasilhas de cerâmica ou pinturas e gravuras em paredes de abrigos e cavernas. Um dos grandes pioneiros no estudo da pré-história do Estado foi o arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, responsável por importantes pesquisas que nos revelaram detalhes acerca daqueles povos. Os arqueólogos Gilson Martins e Emília Kashimoto também conduziram pesquisas fundamentais para a arqueologia sul-matogrossense, estabelecendo recentemente a data de 12 mil anos para o início da ocupação humana. No Pantanal, José Luís dos Santos Peixoto estuda com grande êxito sítios arqueológicos pré-cerâmicos e cerâmicos.

O foco deste livro está nas pinturas e gravuras feitas em paredes de pedra e que chamamos genericamente de 'arte rupestre'. Estes desenhos não são arte como entendemos em nosso mundo ocidental, mas a manifestação de ideias e temas de grande relevância para os povos que os fizeram. Os arqueólogos fazem estudos destes desenhos para propor interpretações de como era a vida social e simbólica dos povos pré-históricos, registrada de forma duradoura nas paredes de abrigos e cavernas.





*Parque das nascentes
do Rio Taquari*



Os sítios de arte rupestre

Devido à dimensão do Estado de Mato Grosso do Sul, com cerca de 350 mil quilômetros quadrados, a equipe encontrou nas longas distâncias a primeira grande dificuldade para o estudo arqueológico proposto. Alguns locais eram acessados apenas por meio de longas caminhadas pela mata, para investigar encostas de morros à procura de abrigos e cavernas com desenhos rupestres. Em decorrência dos perigos inerentes, como quedas, ataques de abelhas, cobras ou onças, este trabalho só pode ser feito por profissionais treinados.

Há casos em que sítios arqueológicos se convertem em espaços de visitação pública, tão importantes para ensinar sobre a arqueologia a alunos dos ensinos fundamental e médio. Um exemplo em Mato Grosso do Sul é o sítio arqueológico Templo dos Pilares, em Alcinópolis, transformado em parque natural pela prefeitura. Estes espaços são fundamentais para a difusão do patrimônio arqueológico e é preciso investir em mais experiências dessa natureza.

O projeto “Inventário, Avaliação, Proposição de Medidas de Conservação, Preservação, Divulgação e Gestão do Patrimônio Arqueológico de Arte Rupestre do Estado de Mato Grosso do Sul” registrou oitenta sítios arqueológicos, dispersos por diversos municípios de Mato

Grosso do Sul. O local com a maior concentração de arte rupestre foi Alcinópolis, com 24 sítios arqueológicos de arte rupestre. Contudo, cabe destacar que muitos outros sítios podem ainda ser descobertos nos próximos anos.

Os grafismos rupestres foram confeccionados de duas formas: por pintura ou por gravação. As pinturas são feitas a partir da mistura de minerais com matéria graxa, o que resulta em uma tinta de elevada absorção e fixação na rocha, resistindo milhares de anos. Já as gravuras são elaboradas ou pela fricção ou pela percussão de um instrumento de pedra sobre a rocha suporte, gerando os sulcos que darão forma ao desenho.

Os arqueólogos costumam classificar a arte rupestre dentro de categorias, que são regidas com base em semelhanças no estilo e na técnica empregada na elaboração dos desenhos. Estas categorias são chamadas de tradições.

No Estado de Mato Grosso do Sul são encontrados exemplares de várias tradições arqueológicas, como Tradição Planalto, Tradição Geométrica Meridional, Tradição Geométrica Pantaneira, Tradição São Francisco, Tradição Agreste, além de elementos aos quais não é possível o imediato enquadramento nas chaves classificatórias conhecidas.



Mato Grosso
do Sul

*Em colorido estão destacadas as
localidades onde foram identificados
sítios de arte rupestre e suas posições
no mapa do Estado.*





Tradição Planalto



Tradição Agreste (bonecões)



Tradição São Francisco



Tradição Geométrica (Meridional)



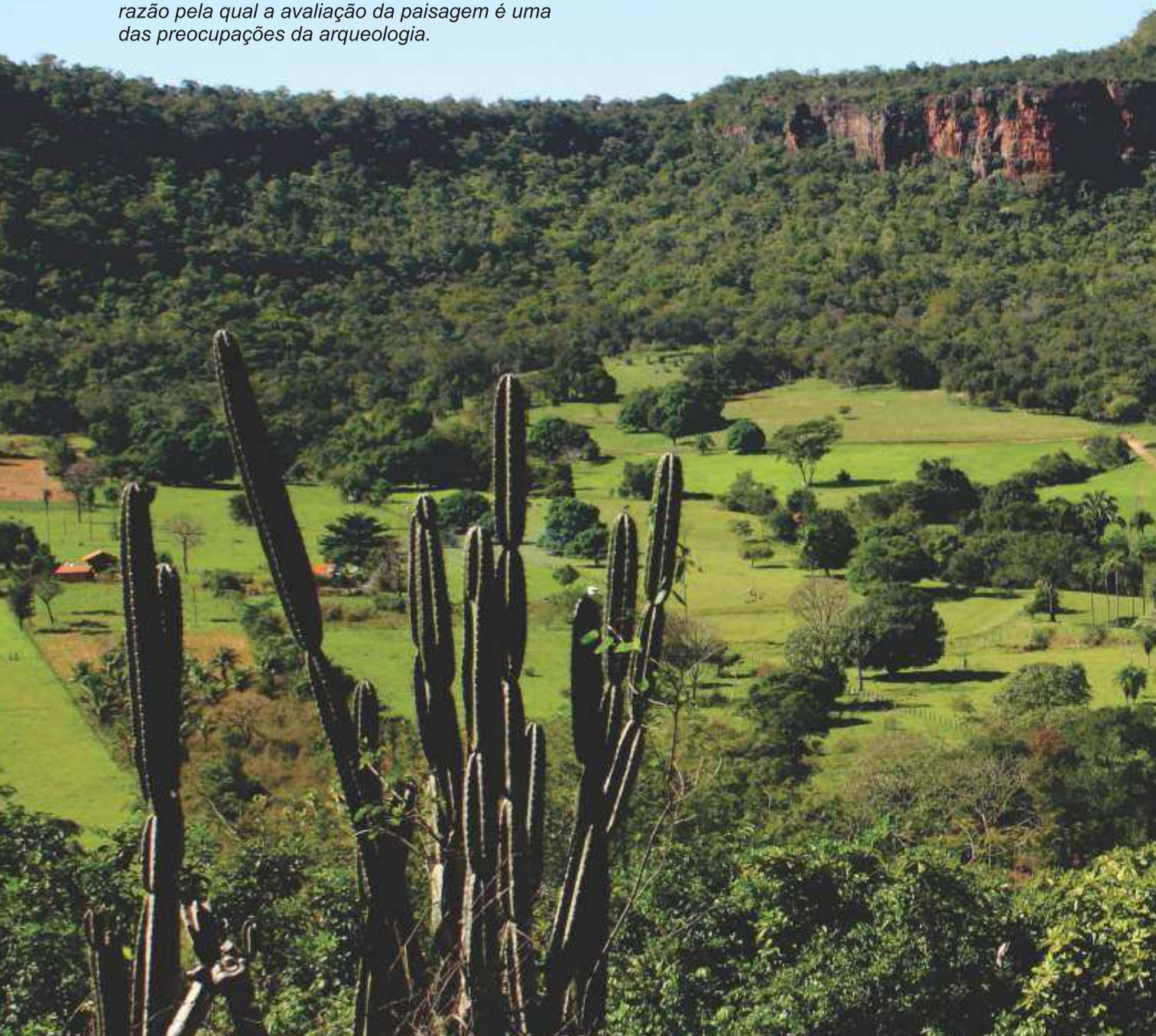
Tradição Geométrica (Pantaneira)

As atividades de elaboração de painéis de arte rupestre devem ter iniciado quando das primeiras populações, há 12 mil anos, e se estenderam até o estabelecimento de povos ceramistas, entre 4 e 2 mil anos atrás. Ou seja, os desenhos são produtos de povos diferentes e elaborados ao longo de muitos milênios, o que explica as diferenças nos estilos. Em comum, estes povos compartilhavam o desejo de registrar sua vivência social de forma perene. Seus motivadores: comunicação, religiosidade, marcação de território, magia, enfim, tudo aquilo que nos move enquanto humanos.

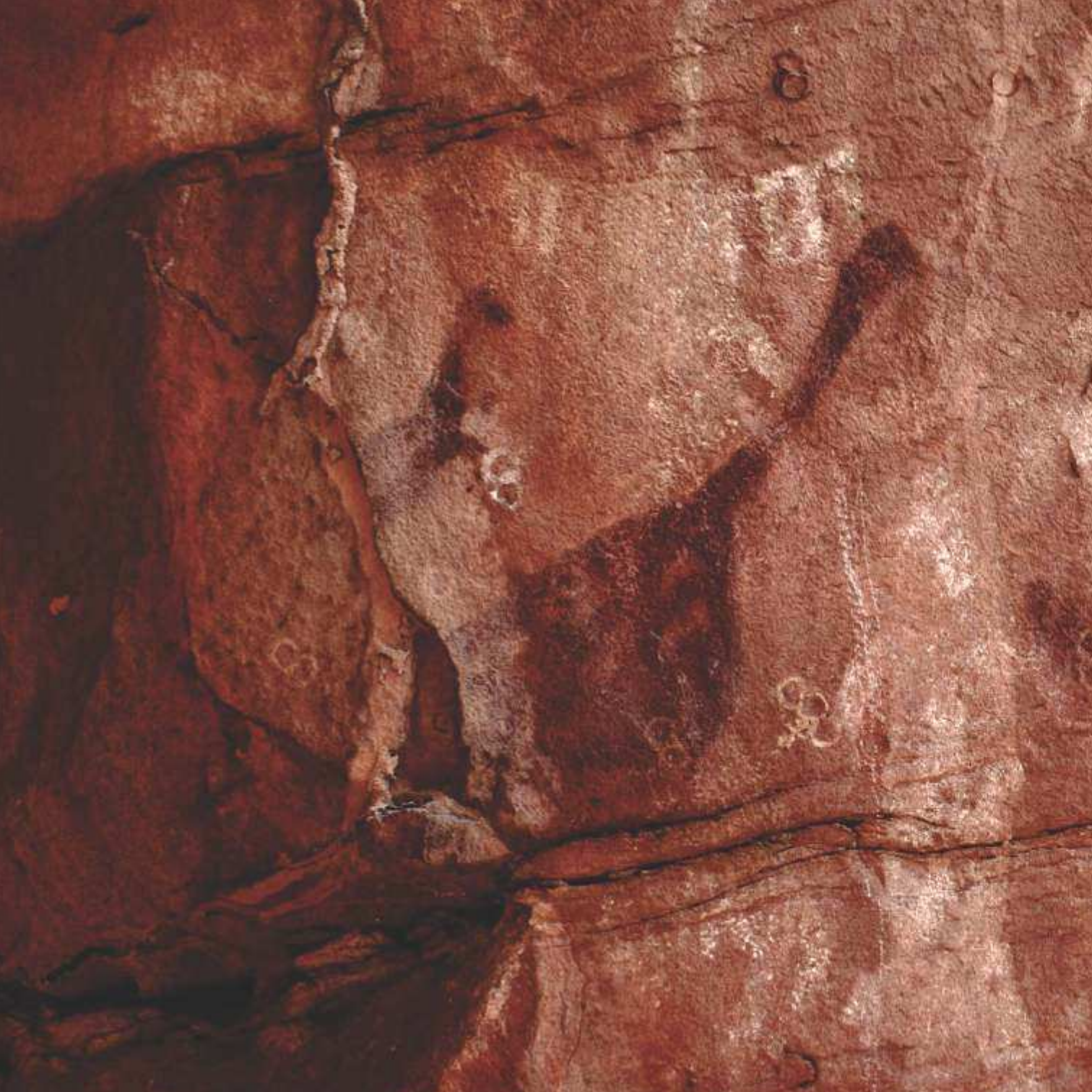
Para os povos da pré-história, conhecer bem o ambiente em que viviam era questão de sobrevivência. Por isso a arqueologia se preocupa tanto com a análise da paisagem. As atividades de caça, pesca, coleta e agricultura dependiam de um calendário muito bem planejado, que orientava toda a vida social.

Contudo, clima e vegetação como hoje conhecemos só veio a existir a partir de 6 mil anos atrás. Entre 17 e 12 mil anos atrás se deu o final da última era glacial, num período chamado Pleistoceno. Naquela era, grandes animais, como a preguiça gigante, chamados de megafauna, transitavam pelas vastas terras onde hoje está o Brasil. Com o fim da glaciação, que se deu entre 12 e 10 mil anos, teve início uma nova era, chamada holoceno. A estabilização do clima ocorreu entre 8 e 6 mil anos atrás, num processo denominado ótimo climático.

*Furnas dos Baianos, Piraputanga - Aquidauana.
Em serras e mesetas como esta há grande
potencial de ocorrência de sítios de arte rupestre,
razão pela qual a avaliação da paisagem é uma
das preocupações da arqueologia.*









Representações zoomorfas nas cores vermelho e branco com ocorrência de sobreposições de figuras. Distrito de Cipolândia, Aquidauana.

No sítio arqueológico «Casa de Pedra», uma caverna com vários salões situada em Chapadão do Sul, os arqueólogos Gilson Rodolfo Martins e Emília Kashimoto obtiveram a data mais antiga para o povoamento do estado: 12 mil anos.



Quando do início da epopeia humana em Mato Grosso do Sul, povos caçadores e coletores circulavam por um vasto território em busca do bem mais precioso: a alimentação. Com o ótimo climático, as áreas de transição entre as terras altas do cerrado e a planície pantaneira se mostraram extremamente atrativas para estes grupos, pois proporcionavam farta oferta alimentar. Era essencial ter um amplo conhecimento do meio ambiente para explorar de forma adequada os recursos de acordo com as épocas do ano. Dessa forma, muitos dos desenhos rupestres podem desempenhar a função de medir estas estações, auxiliando homens e mulheres da pré-história na tarefa de encontrar alimento. Os grafismos rupestres não são meros desenhos, mas sim expressões complexas do universo destes habitantes do passado distante, tanto na esfera material como na imaterial.

Ao combinar a exploração dos recursos alimentares disponíveis no Pantanal com aqueles oferecidos pelos campos de Cerrado, os povos da pré-história tinham a sua disposição uma ampla dieta, intercalando os frutos e a caça das terras altas com a farta pesca do complexo ambiente pantaneiro. Muitos dos animais inseridos na vida dos primeiros povoadores estão representados na arte rupestre: peixes, veados, tatus, aves e répteis diversos.

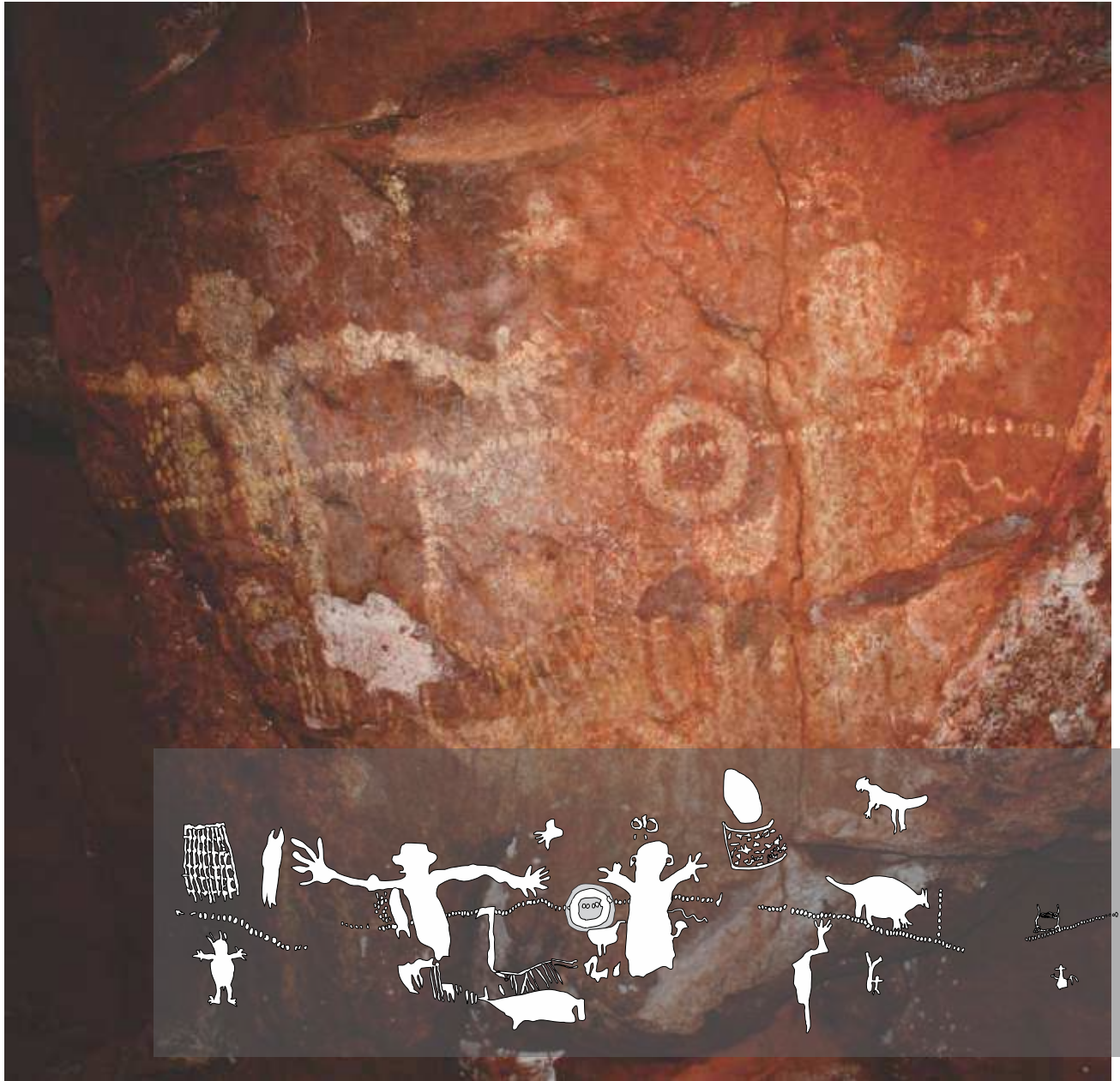
Para desenvolver toda essa atividade de caça, pesca e coleta, era preciso contar com uma instrumentação adequada. Pontas de flechas,

lascas, martelos, raspadores são os objetos de pedra que os arqueólogos encontram nos locais de moradia dos povos pré-históricos. Contudo, a cultura material era muito mais ampla, envolvendo artefatos feitos em ossos e fibras, mas em razão do tipo de solo, tais objetos não se preservaram. Para entender como redes poderiam ser usadas em incursões de caça, é preciso voltar para a arte rupestre. Em muitos painéis há cenas onde redes e outros potenciais artefatos aparecem associados a animais. Alguns painéis são verdadeiras narrativas de caçadas, como nos casos de Cipolândia e Corguinho.



À esquerda: reprodução digital de painel com cena de uma caçada à onça, Distrito de Cipolândia, Aquidauana. Em vermelho estão destacadas as marcas atuais de vandalismo.

Na página seguinte: pintura rupestre que ilustra estratégia de cerco a animais. Logo abaixo está a reprodução digital do mesmo painel, que nos permite visualizar a cena como um todo.



A biodiversidade do pantanal era importante como celeiro para os povos da pré-história.

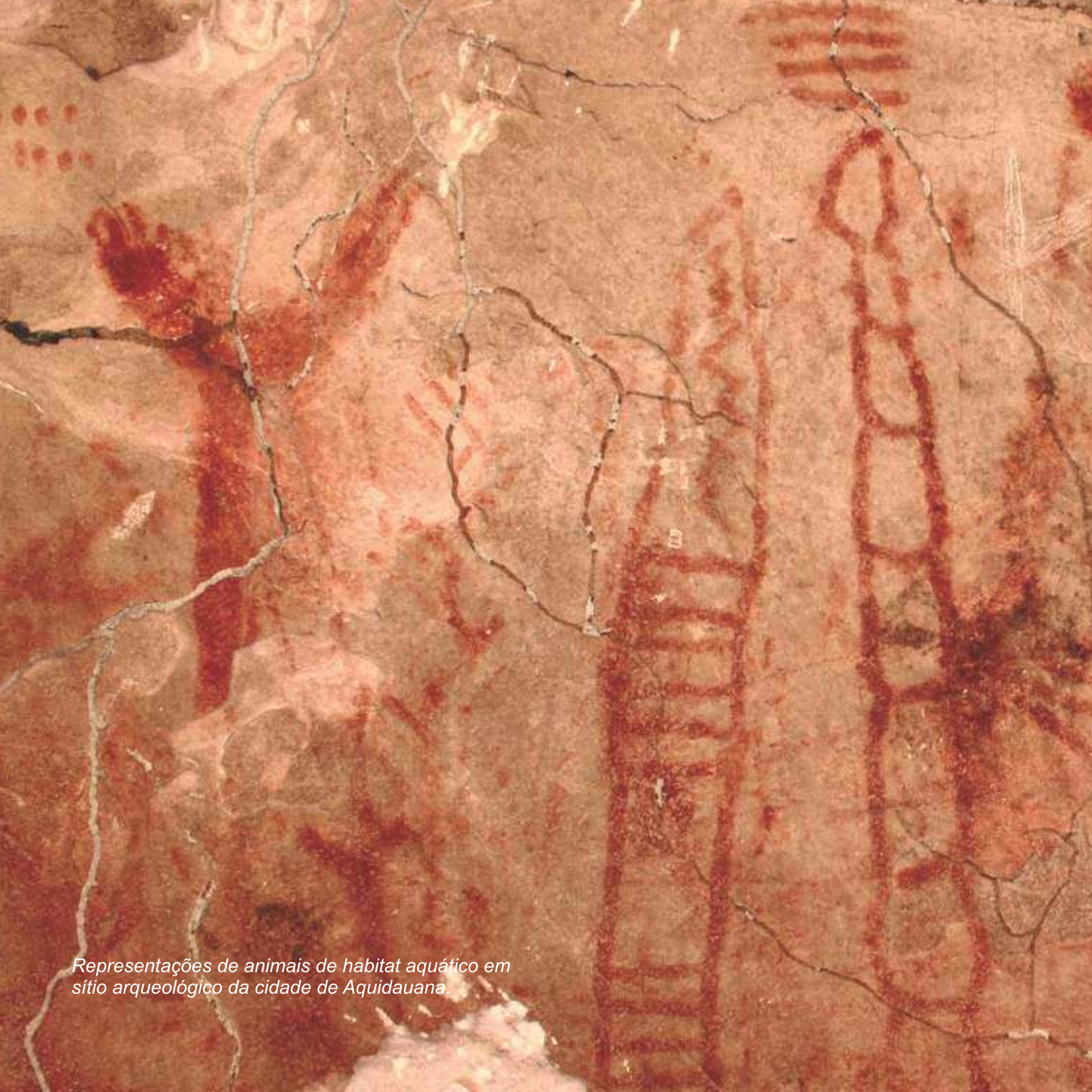






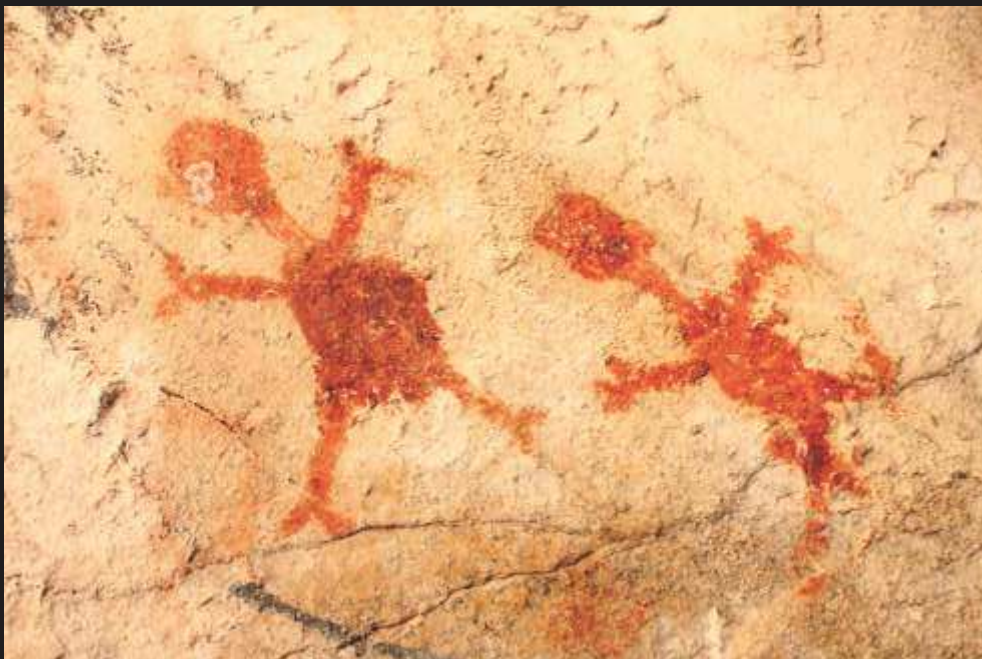
Em Corumbá: acima Petroglifos do sítio arqueológico Morro do Campo e ao lado painel com gravuras na região de Lagoa Gaíva. Nota-se o predomínio da temática circular na arte rupestre do Pantanal de Mato Grosso do Sul.





*Representações de animais de habitat aquático em
sítio arqueológico da cidade de Aquidauana.*





*Figuras
antropomorfas
do sítio Furna
do Retrato, em
Rio Verde.*



*Painel
monocrômico
do sítio
arqueológico
Fazenda
Igrejinha III,
Rio Verde.*

*Aves
representadas
em painel do
sítio Serra
Brava, em Rio
Negro.*



*Representações
zoomorfas, sítio
Água Fria, Rio
Negro.*





*Pinturas
policrômicas
do sítio
Fazenda
Fidalgo, em
Alcinópolis.*



*Grafismo de
um dos
abrigos da
Serra do
Barro Branco,
Alcinópolis.*

*Figuras
geométricas
da caverna
«Casa de
Pedra», em
Chapadão do
Sul.*



*Grafismo
monocrômico
de sítio
arqueológico
localizado em
Chapadão do
Sul.*





*Figuras gravadas nas paredes
de uma caverna situada
no município de Pedro Gomes.*



*Painel com felinos do sítio
Fazenda Colorado I, em Corguinho.*



A Pesquisa

O projeto «Inventário da Arte Rupestre em Mato Grosso do Sul» permitiu estabelecer o primeiro levantamento global da arte rupestre no Estado. Foram duas etapas, uma de pesquisa documental e outra com visitação aos sítios de arte rupestre. Ao todo, registrou-se oitenta sítios arqueológicos desta modalidade.

Em campo, as informações eram registradas em fichas de cadastro, nas quais se anotava as medidas dos painéis, os tipos de grafismos, a localização no GPS, os tipos de perturbações que afetavam os desenhos, entre outros itens. Também foram feitas fotografias atuais das pinturas e gravuras usando máquinas profissionais com recurso de imagem digital.

O acesso aos sítios demandou muito planejamento, já que alguns deles estavam em regiões remotas. Para os sítios de Lagoa Gaíva, por exemplo, foi preciso rodar os seiscentos quilômetros que separam a cidade de Dourados, onde o projeto estava sediado, da de Corumbá. De lá, a equipe tomou um barco, navegando quase trinta horas pelo Rio Paraguai até chegar à região onde estão esses sítios de gravuras. Nesta região do Pantanal não há eletricidade, internet ou telefonia móvel, tampouco hotéis ou restaurantes. Por isso, foi necessário usar um barco que oferecesse toda a estrutura necessária para os dias de trabalho em campo.





O vandalismo é uma ameaça potencial aos sítios de arte rupestre. Pessoas que desconhecem a importância deste patrimônio arqueológico por vezes rabiscam seus próprios nomes sobre os painéis de arte rupestre, o que acarreta danos irreversíveis ao patrimônio arqueológico. Contudo, percebeu-se que a maior parte das ações de vandalismo em sítios de pinturas e gravuras ocorreu há mais de duas décadas, sendo raros os danos desse tipo em períodos mais recentes. Isso talvez se deva à eficácia de campanhas de educação patrimonial desenvolvidas junto aos colégios de ensino fundamental e médio. Tais ações são vitais para a preservação dos sítios arqueológicos e devem ser intensificadas a fim de garantir seu pleno êxito.

Atualmente, a maior ameaça aos sítios provém da ação de formigas, abelhas, cupins e raízes que se instalam sobre os painéis de arte rupestre. Em alguns casos, há perda de parte dos desenhos. Mas a limpeza destes agentes de perturbação não pode ser feita de qualquer forma. É necessária a atuação de uma equipe especializada em conservação de sítios arqueológicos, pois do contrário poderia agravar ainda mais a situação. Esta etapa de limpeza, monitoramento e conservação dos sítios de arte rupestre deve se iniciar nos próximos anos.



Sítios vandalizados.







Problemas de conservação em sítios de arte rupestre. No sentido horário, a partir da foto maior: Alcinópolis, Chapadão do Sul e Aquidauana.



Gravuras rupestres do município de Corumbá. À esquerda o sítio da Fazenda Figueirinha e acima o de Lagoa Gaíva II.





Tintas feitas a partir de argila rica em minerais coloridos, como o óxido de ferro, que os indígenas Kadiwêu utilizam para pintar suas cerâmicas. O processo de elaboração da tinta usada na arte rupestre era similar.

Lista dos sítios

SÍTIO	LOCALIDADE	TIPO
Templo dos Pilares	Alcinópolis	Pintura e Gravura
Pata da Onça	Alcinópolis	Pintura e Gravura
Arco de Pedra	Alcinópolis	Gravura
Barro Branco I	Alcinópolis	Pintura e Gravura
Barro Branco II	Alcinópolis	Pintura
Barro Branco III	Alcinópolis	Pintura
Barro Branco IV	Alcinópolis	Pintura
Barro Branco V	Alcinópolis	Pintura
Barro Branco VI	Alcinópolis	Pintura
Barro Branco VII	Alcinópolis	Gravura
Gruta do Pitoco	Alcinópolis	Pintura e Gravura
Pitoco II	Alcinópolis	Gravura
Pitoco III	Alcinópolis	Pintura
Casa de Pedra	Alcinópolis	Pintura
Limeira	Alcinópolis	Gravura
Arco do Limeira	Alcinópolis	Pintura
Painel do Sucupira	Alcinópolis	Pintura
Painel do Antropomorfo	Alcinópolis	Pintura

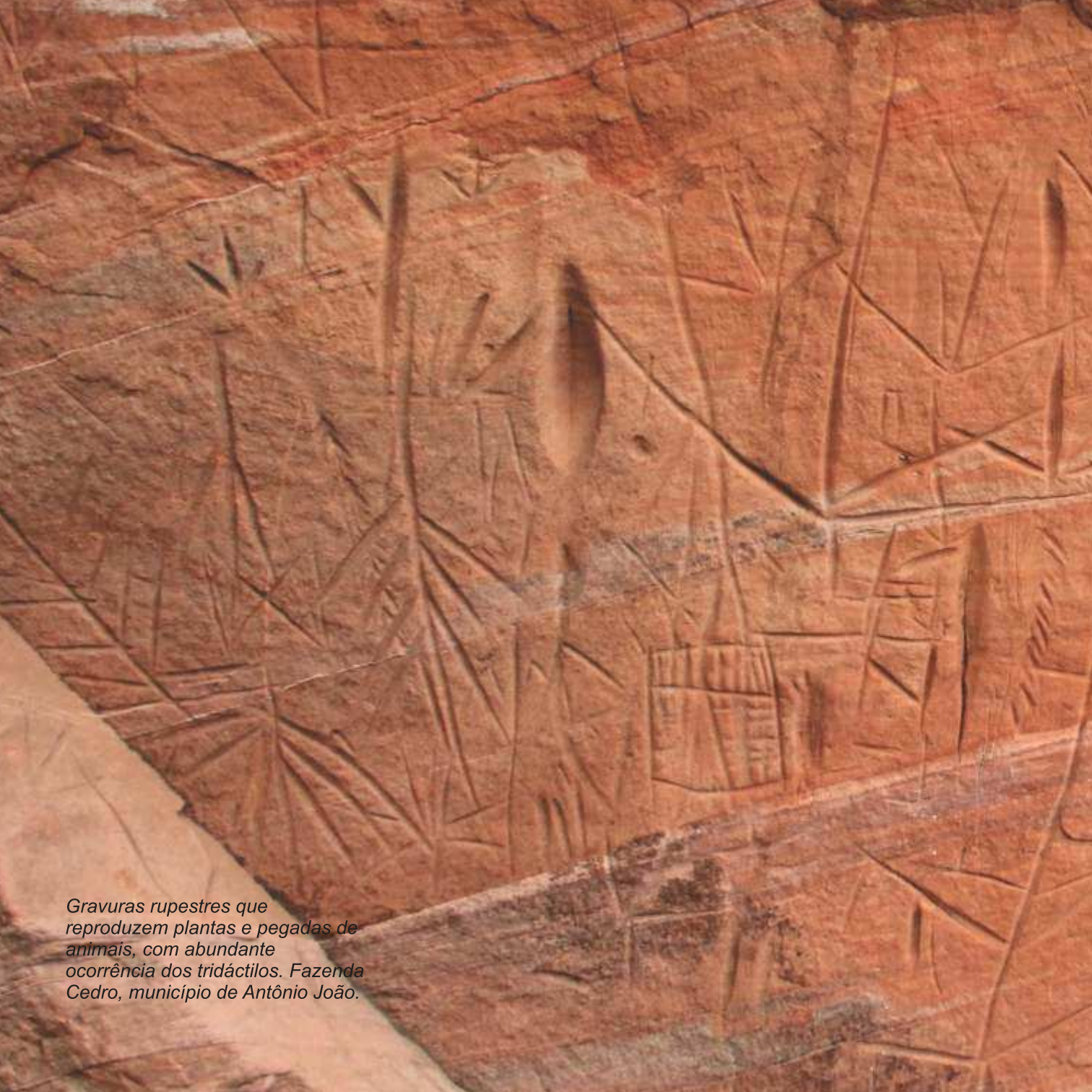
Tampa	Alcinópolis	Pintura
Duas Torres	Alcinópolis	Pintura
Caverna do Urutau	Alcinópolis	Pintura
Fazenda Fidalgo I	Alcinópolis	Pintura
Fazenda Fidalgo II	Alcinópolis	Pintura e Gravura
Fazenda Fidalgo III	Alcinópolis	Pintura e Gravura
Fazenda Fronteira	Antônio João	Gravura
Antônio João II	Antônio João	Gravura
Fazenda Cruzeiro	Antônio João	Gravura
Fazenda Cedro	Antônio João	Gravura
Cera I	Aquidauana	Pintura e Gravura
Cera II	Aquidauana	Gravura
Arco do Itaverá	Aquidauana	Gravura
Seu Jamil (Piraputanga)	Aquidauana	Pintura e Gravura
Morro do Desenho	Aquidauana	Pintura
Morro do Amparo	Aquidauana	Gravura
Fazenda Bosque Belo	Aquidauana	Pintura
Fazenda Serrito	Aquidauana	Pintura e Gravura
Fazenda Colorado IV	Aquidauana	Pintura
Fazenda Santo Antônio	Aquidauana	Pintura
Casa de Pedra	Chapadão do Sul	Pintura e Gravura

Fazenda Ferradura	Chapadão do Sul	Pintura
Fazenda Carro Velho IIa	Chapadão do Sul	Pintura
Fazenda Carro Velho IIb	Chapadão do Sul	Pintura
Fazenda Carro Velho IIc	Chapadão do Sul	Pintura
Fazenda Pedra Branca	Chapadão do Sul	Pintura
Fazenda Colorado I	Corguinho	Pintura
Fazenda Colorado II	Corguinho	Pintura
Fazenda Colorado III	Corguinho	Pintura
Fazenda Indiaporã	Corguinho	Gravura
Lagoa Gaíva I	Corumbá	Gravura
Lagoa Gaíva II	Corumbá	Gravura
Morro do Campo	Corumbá	Gravura
Baía Vermelha	Corumbá	Gravura
Fazenda Figueirinha	Corumbá	Gravura
Tromba dos Macacos	Corumbá	Gravura
Albuquerque	Corumbá	Gravura
Fazenda Moutinho	Ladário	Gravura
Fazenda Salesianos	Ladário	Gravura
Tope da Pedra	Costa Rica	Pintura e Gravura
Ponta do Rafting	Costa Rica	Pintura
Colorado Itá	Jardim	Pintura

Chácara Jatobá	Jaraguari	Gravura
Fazenda Acampamento	Maracajú	Gravura
Alto Sucuriú 4	Paraíso das Águas	Pintura e Gravura
Fazenda Triângulo	Paranaíba	Pintura
Fazenda Buritizal	Pedro Gomes	Gravura
Pedra X	Porto Murtinho	Gravura
Água Fria	Rio Negro	Pintura
Serra Brava	Rio Negro	Pintura
Caverna do Samuka	Rio Negro	Pintura
Seu Carneiro	Rio Negro	Pintura
Furna do Retrato	Rio Verde	Pintura
Fazenda Igrejinha I	Rio Verde	Pintura
Fazenda Igrejinha II	Rio Verde	Pintura
Fazenda Igrejinha III	Rio Verde	Pintura e Gravura
Fazenda Igrejinha IV	Rio Verde	Pintura
Fazenda Fortaleza	Rio Verde	Pintura e Gravura
Biliargo I	Rio Verde	Pintura
Biliargo II	Rio Verde	Pintura
Biliargo III	Rio Verde	Pintura
Biliargo IV	Rio Verde	Pintura



Pinturas do sítio Tope da Pedra em Costa Rica



Gravuras rupestres que reproduzem plantas e pegadas de animais, com abundante ocorrência dos tridáctilos. Fazenda Cedro, município de Antônio João.





*Bloco isolado de gravuras do
Morro do Amparo, em
Aquidauana.*

Bibliografia

AGUIAR, R. L. S. Arte na pedra: o surpreendente e pouco conhecido patrimônio pré-histórico de Mato Grosso do Sul. **Revista Ciência Hoje**, n. 297, pp. 32-37, 2012.

AGUIAR, R. L. S. Alcinópolis: na capital da arte rupestre de Mato Grosso do Sul grafismos são testemunhos da vida na pré-história. **Revista Geo**, v. 39, p. 110-119, 2012.

AGUIAR, R. L. S.; LIMA, K. M.; FREITAS, L. G. Continuidades e transformações nas manifestações da Tradição Planalto em Mato Grosso do Sul: o caso das pinturas rupestres de Rio Negro. **Revista Diálogos**, v. 16, n. 3, pp. 997-1026, 2012.

AGUIAR, R. L. S.; LIMA, K. M. A arte rupestre em cavernas da região Noroeste de Mato Grosso do Sul: discussões preliminares. **Espeleo-tema**, v.23, p. 117-125, 2012. Disponível em: <http://www.sbe.com.br/espeleo-tema/espeleo-tema_v23_n2.pdf>.

BEBER, M. V. **Arte rupestre no nordeste de Mato Grosso do Sul**. 1994. Dissertação (Mestrado em História, Área de Concentração em Arqueologia) - Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

BEBER, M. V. Pinturas de índios no Brasil Central: Alto Sucuriú, Serranópolis e Caiapônia. **Revista Bilbos**, n.9, pp. 107-116, 1997.

BLUMA, F. V. Sítios arqueológicos em Mato Grosso. **Revista Dimensão**. UEMT/CPC, ano III, n. 03, pp. 133-138, 1973.

COPE, S. M. **Les peintures rupestres du haut fleuve Taquari, Mato Grosso do Sul, Brasil**. Mémoire

– Diplome d'Etudes Approfondies. Université de Paris I, Sobornne, 1991.

GIRELLI, M. **Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS.** 1994. Dissertação - IAP/UNISINOS/UFMS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

HACKBART, P. S. **Análise do Petroglifo MS-CP-41 - Corumbá, MS.** Trabalho de Conclusão de Curso em História. São Leopoldo, UNISINOS, 1997.

JULIANI, L. J. C. O. **Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico da Expansão da Mina de Ferro da MCR, em Corumbá, MS.** São Paulo: ALASCA Arqueologia / BRANDT Meio Ambiente, 2006.

MARTINS, G. R. **Arqueologia do Planalto Maracajú-Campo Grande:** o estudo do sítio Maracajú-1 através da análise quantitativa de sua indústria lítica. Tese de Doutorado - FFLCH/MAE/USP, 1996.

MARTINS, G. R. **Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: Editora da UFMS, 2002.

MARTINS, G. R. **Arqueologia do Planalto Maracaju Campo Grande.** Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003.

MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. **12.000 Anos** – Arqueologia do povoamento humano no Nordeste de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Life Editora, 2012.

MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. **Relatório do projeto arqueológico na área a ser diretamente impactada pela construção do gasoduto Bolívia-Brasil em Mato Grosso do Sul.** Trecho: Terenos/Três Lagoas.UFMS/FACEP/Petrobrás. Campo Grande, 1997.

MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. **Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS** - Etapa de

Resgate. Relatório Trimestral de Atividades Decorrente da autorização do IPHAN. Campo Grande: FACEP/FUFMS/UCDB/CESP, 1998.

MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. **Projeto Arqueológico Porto Primavera, MS** - Etapa de Resgate. Segundo relatório de atividades decorrente da autorização do IPHAN. Campo Grande: FACEP/FUFMS/UCDB/CESP, 1998.

MARTINS, G. R. & KASHIMOTO, E. M. **Resgate arqueológico na área do Gasoduto Bolívia/Brasil em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: EdUFMS, 1999.

OLIVEIRA, J. E. & PEIXOTO, J. L. S. **Diagnóstico de avaliação do impacto do gasoduto Bolívia-Brasil ao patrimônio arqueológico do estado de MS** - Trecho Corumbá/Terenos. Relatório à PETROBRÁS. Porto Alegre, 1993.

PASSOS, J. A. M. B. **Alguns petroglifos em Mato Grosso com apêndice sobre outros do Paraguai e Bolívia**. 1975. Tese (Livre-Docência) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEIXOTO, J. L. S. **A ocupação do Tupiguarani na Borda Oeste do Pantanal Sul-Matogrossense: Maciço do Urucum**. 1995. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

PEIXOTO, J. L. S. **A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos Grandes Lagos do Pantanal Sul-matogrossense**. 2003. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

PEIXOTO, J. L. S. Os registros rupestres da Chiquitania/Bolívia e do Pantanal/Brasil. Em: Wilson Ferreira de Melo (org.), **Caminhos do Campus do Pantanal**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012.

PEIXOTO, J. L. S. & SCHMITZ, P. I. A arte rupestre do Caracará, Pantanal, Brasil. **Revista Clio de Arqueologia**, v. 26, n. 2, pp. 237-263, 2011.

POVOA, M. B. **Arqueologia dos abrigos Cera, Aquidauana, MS**: cultura material e inserção na paisagem. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP/MAE, 2007.

ROGGE, J. H. A ocupação antiga no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Revista Clio de Arqueologia**, v. 14, pp. 343-352, 2000.

ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. **Projeto Corumbá**: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. Trabalho apresentado na VII Reunião Científica da SAB. João Pessoa, 1993.

SCHMITZ, P. I. **Projeto Corumbá**. Relatório de 1992 (datilografado). São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1992.

SCHMITZ, P. I. **Projeto Corumbá**. Lista dos sítios arqueológicos da proximidade de Corumbá. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1993.

SCHMITZ, P. I. et. al. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Pesquisas, Antropologia**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, n. 54, 1998.

SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O. Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul - Projeto Corumbá. **Revista Tellus**, ano 1, n. 1, p. 11-26, 2001.

VERONEZE, E. **A ocupação do Planalto Central Brasileiro**: o nordeste do Mato Grosso do Sul. 1993. Dissertação - UNISINOS, São Leopoldo, Rio Grande do Sul.